

CONDIÇÕES COMUNICATIVAS CONCRETAS NO MARCO CONTÍNUO DO EIXO FALADO-ESCRITO EM TRÊS CORRESPONDÊNCIAS DE JAMES JOYCE A NORA BARNACLE, SEGUNDO A VISÃO DE KOCH E OESTERREICHER

Albérís Eron Flávio de Oliveira

1. INTRODUÇÃO: SOBRE JAMES JOYCE

James Joyce nasceu no dia 02 de fevereiro de 1882, em Dublin. Ele era o primeiro de uma família que tinha dez filhos. Nascido em uma família de classe média, Joyce viria a passar necessidade por causa da vida destemperada de seu pai, um cantor de operas e músico que se entregou ao vício do jogo e da bebida¹.

Antes de tudo se perder, porém, Joyce foi levado para estudar como aluno – interno – em uma tradicional escola católica de Dublin, chamada Conglows Wood College. Dos seis e aos nove anos Joyce estudou nessa escola, o que lhe rendeu alguns episódios importantes que são contados em seu segundo livro, publicado e intitulado de *Um Retrato do Artista quando Jovem* – no ano de 1916.

O fato é que, com a falta de recursos financeiros para a sua família, Joyce teve que deixar a Conglows Wood College e voltar para casa. Somente a partir dos onze anos de idade, Joyce

1 Ver Anderson (1978), citado na bibliografia no final deste estudo.

retomou os estudos, após muito esforço de amigos de seu pai que o ajudaram financeiramente. Joyce matriculou-se em outra escola importante em Dublin e também de base católica: a Belvedere School, de onde ele sairia para a universidade (PRITCHARD, 2001).

Foi nesses espaços de formação escolar, segundo nos conta Nolan (2007), de fundo católico romano, nos quais Joyce participou efetivamente como aluno, que ele moldou seu espírito. A partir de sua própria vivência com os colegas então, e da compreensão de vida que os diretores da escola lhe emprestaram, Joyce, que uma vez pensou em ser padre, com o tempo, passou a apresentar uma resistência à postura deles, considerando a distância que havia entre a vida dos púlpitos da igreja, repleta de ricos discursos sobre o modo de vida ideal, e a própria vida prática dos padres.

A decepção de Joyce com relação à vida religiosa o levou a abandonar os planos de ser padre e assumir a vida de artista escritor²: “Sê bem vinda, ó vida! Eu vou ao encontro, pela milionésima vez, da realidade da experiência, a fim de moldar, na forja de minha alma, a consciência ainda não criada da minha raça” (JOYCE, 1971, p. 287). [Welcome, O life, I go to encounter for the millionth time the reality of experience and to forge in the smithy of my soul the uncreated conscience of my race (JOYCE, 1996, p. 288)].

Os primeiros escritos de Joyce datam de 1907: foi um livro de poemas intitulado *Música de Câmara*. Em seguida ele publicou, após travar grande batalha com um dos donos de editora da época, um livro de contos chamado *Dublinenses*, em 1914. No ano de 1916, surgiu *Um Retrato do Artista quando Jovem*, livro de cunho autobiográfico e que retrata a própria vida de Joyce, dos primeiros anos de vida até a sua passagem pela universidade. Em 1918, ele publicou *Exilados*, sua única peça de teatro. O ano de 1922 trouxe a sua obra mais conhecida: *Ulisses*. Um livro denso em que ele usa técnicas inovadoras e um vocabulário muito diversificado – diferente de todos os outros romances que o antecederam (GILBERT, 1955). A relação direta que desenvolve com a obra de Homero, *A Odisseia*, chamou – e chama – atenção dos críticos e leitores da época. Joyce voltou a publicar novamente, somente dezessete anos mais tarde – em 1939 – um último grande livro: *Finnegans Wake*. Segundo o próprio autor, pela complexidade de seu enredo, pelo modo como foi escrito, pelo uso de diversas línguas e culturas assim como pela influência de diversos autores como Giambatista Vico, Shakespeare, Ovídio, Dante, Edward Doujardin, Tomás de Aquino, entre outros, a decifração de seu conteúdo seria uma barreira a ser vencida. Segundo Joyce, seriam necessários séculos para que ele fosse compreendido completamente. Sua palavra tem se tornado verdade, até então.

A morte de James Joyce, em 1941, trouxe para todos o fim de uma vida intensa, de um homem que, literalmente, circulou entre epifanias e mitos, entre construções de arquétipos e simbolismos, deixando um vazio na Irlanda – país que ele soube tão bem descrever – e na literatura mundial. Paradoxalmente, James Joyce viveu dois terços de sua vida longe da Irlanda, seu país natal.

Dentre as grandes marcas na vida de Joyce, entretanto, está a de seu encontro com Nora Barnacle, mulher que mudaria de uma vez a sua vida, e que aquietaria em potencial a

2 Joyce tentou ser médico. Matriculou-se em um curso em Paris, mas, sem condição financeira para banca-lo, desistiu dos planos.

sua juventude. Foi assim que Joyce se apaixonou por Nora: logo que a viu. Desde o primeiro encontro em 16 de junho de 1904, Joyce viu em Nora um exílio necessário, nas palavras de Sérgio Medeiros³: a sua ilha natal.

Para este trabalho, escolhemos analisar as três primeiras correspondências de Joyce à Nora⁴, que descrevem o início do relacionamento entre os dois. Elas trazem os primeiros indícios de um relacionamento que duraria cerca de quarenta anos, dois filhos, muitas viagens e uma influência para a literatura que ainda não pode ser totalmente medida.

A partir de agora, liberaremos algumas palavras sobre o sentido das cartas e a sua importância enquanto fonte de informação valiosa, com base em Carnicel (2002) e Santos (1994)⁵.

O volume de cartas que tomamos para este estudo foi organizado e traduzido por Dirce Waltrick do Amarante⁶ e de Sérgio Medeiros⁷, ambos da Universidade de Santa Catarina.

2. UMA PALAVRA SOBRE A IMPORTÂNCIA E O SENTIDO DAS CARTAS

Se bem observada, a carta é um canal perfeito onde o processo de comunicação se completa com absoluta transparência. Num mesmo texto estão evidentes o emitente, o canal propriamente dito, a mensagem, o código, o destino e o receptor. Em regra, não há ruído na leitura de uma carta... [...] A leitura de uma carta é sempre um ato de total entrega e absorção (SANTOS, 1994, P.15).

No estudo dos itinerários intelectuais, as cartas permitem o acesso a experiências compartilhadas e a formas de intercâmbio, a formas de pensamentos e de debate intelectual, como as considerava Câmara Cascudo. Para ele as cartas eram suporte de pesquisa, fonte de dados, intercâmbio e registro do cotidiano, vivido numa época em que a tecnologia – como se vê nos dias de hoje – ainda estava distante da vida das pessoas.

A produção epistolar foi – e é – um veículo singular para disseminação da informação, da divulgação e do recebimento de notícias. As cartas de James Joyce a Nora são um acervo que pode ser considerado uma rica fonte documental para estudar a forma de pensar e ser cotidianamente do autor irlandês. O percurso intelectual de Joyce muito se desnuda quando estamos diante de seus escritos de ordem pessoal e particular – como no caso das cartas. Segundo Carnicel (2002), em geral, “as correspondências constituíam-se de textos, de bilhetes, de recortes, de documentos, de cartões postais, de fotografias demonstrativas e de registro de interesse pelos aspectos culturais do povo brasileiro” (p.7).

3 Um dos organizadores de Cartas a Nora, referendado na bibliografia no final deste estudo.

4 Para um estudo sobre a vida de Nora e sua relação com Joyce, ler MADDOX, B. Nora: the real life of Molly Bloom. Nova York: A mariner Book, 1988.

5 É importante dizer que, a vida de Joyce, além de descrita por diversos biógrafos, também se apresenta de modo bastante difundida por meio de cartas.

6 Tradutora e ensaísta, professora do curso de artes cênicas da UFSC, autora de diversos textos sobre James Joyce.

7 É ensaísta e tradutor, professor de teoria literária da UFSC e pesquisador do CNPq. É poeta e também é escritor.

A facilidade com que esse instrumento – a carta – pode abrigar diversos assuntos e temas abrindo a possibilidade de se misturar subjetividade e academicismo, emoção e sensibilidade, intuição e conhecimento dos partícipes da conversação à distância é que nos faz compartilhar a importância delas no processo de conhecimento e compreensão da obra de diversos autores⁸. É que nesse tipo de escrita, a memória guarda um importante papel.

As cartas eram textos sempre destinados aos outros – uma característica comum das cartas – e elas constituíam uma maneira do autor se mostrar mais puramente. Mas, não se pode negar que “a carta é um monólogo que quer ser um diálogo” (SANTOS, 1994, p.16)⁹. É importante dizer que as cartas não eram feitas para serem publicadas, como ainda hoje o é. Diferentemente do livro, em relação ao interesse deste, ao produzi-lo. É bom que se diga que, com relação à linguagem das cartas, ela é sempre original e espontânea, por vezes coloquial, independente do tema nela abordado, como pode se notar nas cartas que escolhemos.

As particularidades do emissor, sejam elas de cunho sigiloso ou público, seus vícios e suas virtudes, os juízos de valor a respeito de sua vida e de seus pares, bem como de diversas outras personalidades que podem ser citadas no corpo do texto relacionadas ao momento da sociedade são assuntos comuns encontrados nas cartas.

Nesse ponto, uma grande riqueza de impressões pode ser tirada dos temas que podem ser abordados nas cartas, revelando aspectos socioculturais e políticos, bem como literários e éticos do período¹⁰.

A produção intelectual de James Joyce consta de romances, poesias e peças de teatro – ele publicou pelo menos uma intitulada de *Exilados* –, mas também de uma rica e numerosa quantidade de correspondências com outros autores, com donos de editoras, com apoiadores e com amigos.

A seguir, transcreveremos três cartas de Joyce a Nora que relatam momentos ímpares do início de suas relações como um casal de namorados. O objetivo deste artigo é investigar aspectos dessas cartas que evidenciam condições comunicativas concretas, sugeridas por Koch e Oesterreicher (2007, p.26-27) a partir de parâmetros que desempenham importante papel na caracterização das realizações linguísticas no marco contínuo do eixo falado-escrito.

8 No Brasil, notadamente as cartas de Mario de Andrade a Cascudo são uma importante fonte de estudos. A História, o folclore, por exemplo, também são tópicos muito presentes nas cartas. Nesse último ponto, Cascudo foi mestre em fazê-lo. É comum ao lermos correspondências entre pessoas, mais especificamente entre os estudiosos, encontrarmos registros de costumes e de culturas, percebendo sempre a presença do imaginário e da ideologia que domina cada pensamento. Tal forma de comunicação revela, muitas vezes, esses assuntos transmutados em lendas e superstições, mitos e casos emblemáticos, que marcam e demarcam a história de quem vive em determinadas épocas.

9 Nas cartas de James Joyce que escolhemos estudar, há um destinatário: Nora Barnacle.

10 Sobre isso interessante ver a troca de cartas entre Joyce e Grant Richards, proprietário da editora que se recusou por pelo menos sete anos a publicar o primeiro livro de Joyce, *Dublinenses*, por considera-lo obsceno e inadequado para um texto escrito.

3. AS CARTAS DE JOYCE A NORA: ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITURALIDADE

Segundo Koch e Oesterreicher (2007), os aspectos universais das concepções de oralidade e de escrituralidade não podem ser entendidos de forma adequada a partir de uma perspectiva meramente imanentista¹¹. Isso porque elas estão intimamente relacionadas, e envolvidas em circunstâncias comunicativas relevantes cujo caráter que vai além do nível meramente linguístico.

Tomemos, por um momento, as instâncias e os fatores mais importantes de uma comunicação linguística. Se levarmos em consideração que, pelo menos dois participantes da interação se engajam em um contato entre si, assumindo um, o papel de emissor, e o outro de receptor, logo percebemos que deles surge uma mensagem que se refere a circunstâncias de uma realidade que também se impõe como extralinguística.

A produção do discurso de texto, portanto, supõe uma difícil tarefa de formulação que se encontra em uma zona de tensão entre a linearidade dos signos linguísticos, das normas de língua – histórica – particular e da completa realização linguística multidimensional (KOCH; OESTERREICHER, 2007).

Para melhor dizer, percebe-se que emissor e receptor estão envoltos em campos dêiticos pessoais, espaciais e temporais, em determinados contextos e em determinadas condições que vão desde a esfera emocional até a social.

É evidente que em todas as instâncias e em todos os fatores de comunicação linguística existem a possibilidade de variação. Tal variação oferece uma escala de condições de comunicação que se baseia em uma concepção de linguagem que se quer contínua entre a oralidade e a escrituralidade.

Ainda de acordo com Koch e Oesterreicher (2007), na caracterização das realizações linguísticas entre as marcas de continuidade do falado ao escrito, e viceversa, existem alguns parâmetros que podem ser estabelecidos a partir de instâncias e de fatores que desempenham papéis importantes. De um grau de publicidade a outro de familiaridade, de dados emocionais e de dependência entre os falantes passando por campos referenciais e imediatez física, entre outros, todos eles se realizam de modo gradual, podendo variar de um evento linguístico para outro, de um gênero para outro – ou em um mesmo gênero –, compartilhando condições comunicativas que denunciam os graus de oralidade e de escrituralidade na peça textual arrolada¹².

Isso quer dizer que qualquer forma de comunicação imaginável está necessariamente caracterizada por padrões de valores que traduzem condições comunicativas concretas que podem ser descritas a partir de parâmetros, como os mencionados no parágrafo anterior.

11 A ideia de que algo está completamente contido na natureza de um ser, de um objeto, sem levar em conta o que pode estar em outro plano.

12 Assim, enquanto “A” pode reconhecer uma clara escala entre a privacidade e o caráter totalmente público de um evento comunicativo – de um gênero definido –, “B” pode, perfeitamente, entender a presença de uma escala que pode ir de uma grande familiaridade entre os interlocutores até um total desconhecimento entre ambos.

Tomando como exemplo uma carta particular, pessoal, modelo, pode-se perceber parâmetros como o nível de privacidade e de familiaridade existente entre os interlocutores, a relação emocional ali envolvida, a dependência do contexto para que a realização linguística se efetive, o grau de dialogicidade do texto – ou de monologicidade –, o nível de distância ou de proximidade física entre os interlocutores, o tópico ou a temática envolvida e o grau de maior ou menor espontaneidade usado pelo(s) interlocutor(es), todos evidenciados a partir do texto, levando em consideração, especialmente, a presença de dêiticos e/ou de vocabulário que revelam esses graus.

Portanto, a partir das condições comunicativas acima elencadas passamos a investigar a maneira como se organizam três cartas sequencias de James Joyce a Nora Barnacle – transcritas a seguir –, considerando suas realizações linguísticas a partir dos parâmetros elencados por Koch e Osterreicher (2007).

As cartas escolhidas são as três primeiras que aparecem em uma publicação da editora Iluminuras, com sede em São Paulo, no ano de 2013. Elas foram organizadas por Sérgio Medeiros e Dirce Waltrick do Amarante¹³ – que também são os tradutores das mesmas¹⁴.

3.1 AS CARTAS

A primeira delas trata de um encontro que havia sido marcado entre James Joyce e Nora, mas que não se concretizou – o segundo encontro entre eles. Segundo Richard Ellmann (1983), eles haviam se encontrado em uma rua de Dublin – a rua Nassau – no começo de junho de 1904. Os dois marcaram outro encontro que aconteceria em frente a “Sir William Wilde’s House”, na curva da praça Merrion, no dia 14 de junho. Mas, como fato relevante, Nora não compareceu. A sua ausência foi motivo de um pequeno texto – uma pequena carta – demonstrando certo ar de decepção e abatimento, por parte de Joyce, o remetente da mesma. Ei-la descrita a seguir, segundo consta em Joyce (2013, p.29):

15 de junho de 1904
60 Shelbourne Road

Devo estar cego. Olhei para uma cabeça com cabelos castanho avermelhados durante um bom tempo e decidi que não era a sua.

Voltei para asa desolado. Gostaria de marcar um encontro, mas talvez isso não lhe

13 A referência do livro consta no final deste breve estudo, nas referências bibliográficas.

14 Importante dizer que, segundo Dirce Waltrick, tradutora das cartas de Joyce para este estudo, “grande parte da correspondência entre o casal foi escrita apenas por Joyce, já que Nora não gostava de redigir cartas e só o fazia por necessidade (JOYCE, 20013, p.15). É importante também dizer, como Barthes (2003, p. 252), em seu livro sobre o discurso amoroso apresentado em cartas: “o discurso amoroso sufoca o outro, que não encontra nenhum espaço para a sua própria palavra sob esse dizer maciço”. Para Barthes, no discurso amoroso, “eu falo e você me escuta, logo nós somos (2003, p.252).

agrade. Espero que você seja muito amável comigo para marcar um – se você não me esqueceu!¹⁵

James Joyce

O encontro foi remarcado e a data seria o dia 16 de junho de 1904, quando se encontrariam na rua Ringsend (ELLMANN, 1983). Daquele dia em diante eles, definitivamente, nunca mais se separariam.

A segunda carta já se nos apresenta com um relato dado de um relacionamento consumado. Os dois estão, certamente, enamorados. Passado um mês do primeiro encontro, as palavras usadas por Joyce já traduzem um grau de intimidade bem diferente da primeira carta. Segue a carta abaixo segundo Joyce (2013, p.30):

12 de julho de 1904
60 Shelbourne Rd, Dublin

Minha querida tolinha de sapatinhos marrons, esqueci – não posso te ver amanhã (quarta-feira), mas apareço na quinta no mesmo horário. Espero que você ponha minha carta na cama corretamente. Sua luva fica do meu lado a noite toda – desabotoada –, mas por outro lado se comporta muito bem – como a Nora. Por favor, tire aquele peitoral, pois não gosto de abraçar uma carta de correio. Você ouviu agora? (Ela começa a rir.) Meu coração – como você diz – sim – de acordo.

Um beijo de vinte e cinco minutos no seu pescoço,

AUJEY15

A terceira carta escolhida, transcrita de segundo Joyce (2013, p. 36) para este estudo foi escrita exatamente um mês após a anterior, e dois meses antes do primeiro encontro entre eles. Do ponto de vista do teor da carta, já se pode ver mudanças significativas, a partir mesmo de sua decisão em não assinar a carta. Segue a carta:

15 de agosto de 1904
60 Shelbourne Road

Minha querida Nora. Acabou de soar uma hora. Cheguei às dez e meia. Desde então fiquei sentado numa poltrona feito um idiota. Não pude fazer nada. Só ouço a sua voz. Sou tal qual um idiota ouvindo você me chamar de “Querido”. Ofendi dois homens hoje ao deixá-los friamente. Queria ouvir a sua voz, não a deles. Quanto estou com você ponho de lado minha natureza desconfiada e desdenhosa. Queria sentir agora sua cabeça no meu ombro. Acho que vou me deitar. Fiquei meia hora escrevendo isto. Você me escreverá alguma coisa? Espero que sim. Como devo assinar? Não quero assinar nada de modo algum, porque não sei como assinar.

15 I may be blind. I looked for a long time to a head of reddish-brown hair and decided it was not yours. I went home quite dejected. I would like to make an appointment but it might not suit you. I hope you will be kind enough to make one with me – if you have not forgotten me! James A. Joyce. 15 June 1904(ELLMANN, 1983, p.156).

3.2 DA ANÁLISE DAS CARTAS

Tomando em consideração as instâncias e os fatores elencados por Koch e Oesterreicher (2007) para a caracterização das realizações linguísticas em uma correspondência pessoal – carta pessoal – obtemos as leituras abaixo, não sem antes as expormos em um quadro comum para uma visão mais completa das mesmas. Em seguida, seguiremos com o resultado da interpretação.

CARTA 1

15 de junho de 1904
60 Shelbourne Road

Devo estar cego.
Olhei para uma cabeça com cabelos castanho-avermelhados durante um bom tempo e decidi que não era a sua.
Voltei para casa desolado.
Gostaria de marcar um encontro, mas talvez isso não lhe agrade.
Espero que você seja muito amável comigo para marcar um – se você não me esqueceu

James Joyce

CARTA 2

12 de julho de 1904
60 Shelbourne Rd, Dunblin

Minha querida tolinha de sapatinhos marrons, esqueci – não posso te ver amanhã (quarta-feira), mas apareço na quinta no mesmo horário.
Espero que você ponha minha carta na cama corretamente.
Sua luva fica do meu lado a noite toda – desabotoada –, mas por outro lado se comporta muito bem – como a Nora.
Por favor, tire aquele peitoral, pois não gosto de abraçar uma carta de correio. Você ouviu agora? (Ela começa a rir.)
Meu coração – como você diz – sim – de acordo.
Um beijo de vinte e cinco minutos no seu pescoço,

AUJEY

CARTA 3

15 de agosto de 1904
60 Shelbourne Road

Minha querida Nora.
Acabou de soar uma hora.
Cheguei às dez e meia.
Desde então fiquei sentado numa poltrona feito um idiota.
Não pude fazer nada.
Só ouço a sua voz.
Sou tal qual um idiota ouvindo você me chamar de “Querido”.
Ofendi dois homens hoje ao deixa-los friamente.
Queria ouvir a sua voz, não a deles.
Quanto estou com você ponho de lado minha natureza desconfiada e desdenhosa.
Queria sentir agora sua cabeça no meu ombro.
Acho que vou me deitar.
Fiquei meia hora escrevendo isto. Você me escreverá alguma coisa? Espero que sim.
Como devo assinar?
Não quero assinar nada de modo algum, porque não sei como assinar.

Na primeira carta observamos a presença de um interlocutor – remetente – ainda tímido, demonstrando um grau de privacidade mediano e de uma familiaridade que ainda não se concretizou. A carta apresenta ainda indícios de uma razoável implicação emocional e uma dependência da situação comunicativa importante. A presença de elementos dêiticos como – *durante um bom tempo, casa, encontro, me esqueceu* – demonstra clareza de referencial do ponto de

vista do interlocutor falante. A distância física evidencia-se pela necessidade de se marcar um “novo encontro”. Apesar do interesse de Joyce em estar perto de Nora naquele momento, a frustração foi tamanha pela ausência dela. Pela sequência de cartas, podemos perceber que não há espaço para dialogicidade a partir do gênero carta – uma vez que Joyce, na terceira carta, reclama o fato de ela não o escrever¹⁶ ao mesmo tempo em que não há cooperação da parte dela – pelo menos de ordem física. A filiação temática se dá pelo apelo que Joyce faz no intuito de que o encontro se efetive em algum outro momento. Há uma reflexividade nas palavras de Joyce, um certo cuidado em dizer como se sente sem, contudo, apresentar exageros.

Passados exatamente 27 dias – entre uma carta e outra –, podemos verificar uma mudança destacável no modo como o interlocutor-remetente se dirige à Nora Barnacle – nitidamente por ela enamorado. Certamente que o encontro tão esperado, anunciado na carta anterior, efetivara-se – ao que podemos concluir.

O grau de familiaridade aumenta na medida em que termos como *tolinha*, *sapatinhos*, *sua luva* aparecem, assim como o grau de privacidade. O amor entre ambos parece ser bem correspondido. A implicação emocional na correspondência é nítida. Frases como *espero que você ponha a minha carta na cama*, assim como *sua luva fica do meu lado a noite toda*, demonstram tal fator. Ao que nos parece não há dependência da situação e da ação comunicativa – o remetente parece reconhecer-se distante do seu destinatário e deixar transparecer que isso não é motivo para frustrar-se. A presença de elementos dêiticos se evidenciam ainda mais em relação à primeira carta. Palavras e expressões como *minha querida*, *não posso*, *sua luva*, *cama*, *amanhã* demonstram que o referencial continua claro ainda que a distância física continue sendo evidenciada. Não há, entretanto, dependência da instância física no momento em que o falante escreve. Como é de praxe no gênero carta pessoal, aspectos da monologicidade se sobrepõe aos da dialogicidade. O texto é construído do ponto de vista de um interlocutor apenas – no caso o próprio Joyce. A filiação temática parece clara. É a paixão que motiva o autor da carta a escrevê-la. Quando o remetente oferece *um beijo de vinte e cinco minutos no seu pescoço*, ao final da carta, ele revela o tamanho do seu carinho e amor pela sua amada. Nesse ponto, o nível de espontaneidade chega ao máximo – se verificarmos o conjunto das cartas aqui investigadas. A reflexividade parece dissipar-se diante da revelação do interlocutor escritor.

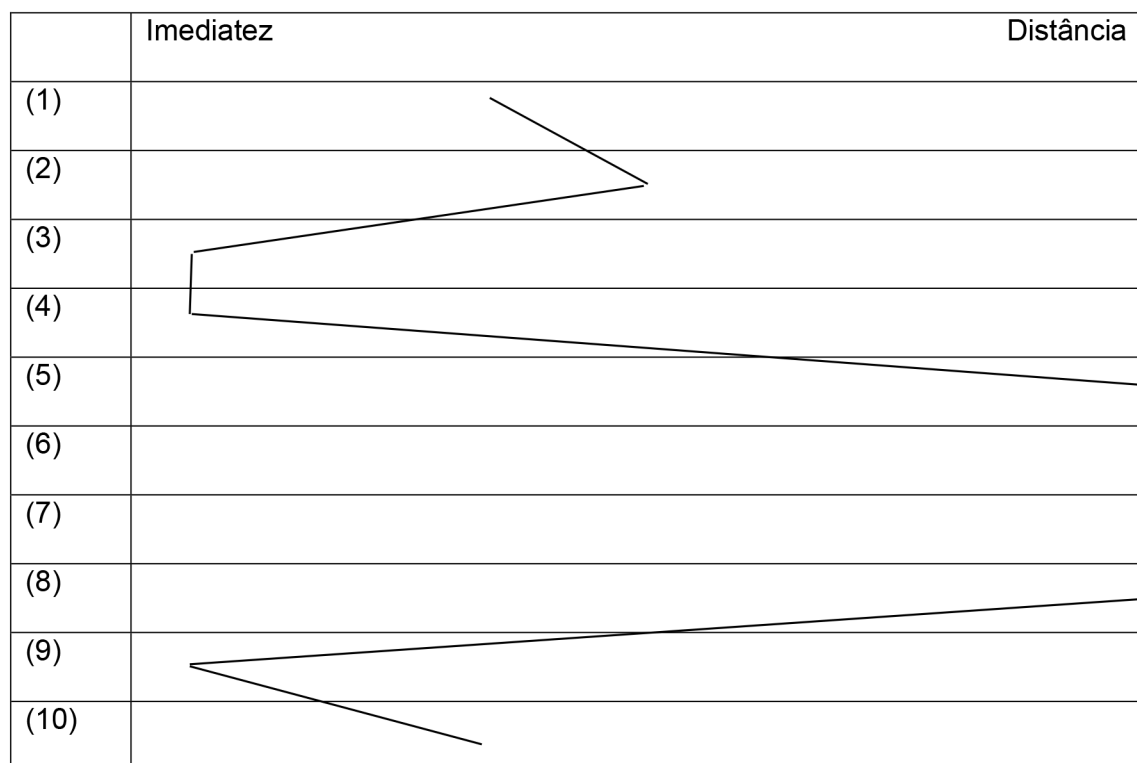
O tamanho da terceira carta se destaca em relação às duas primeiras: ela é bem maior que as anteriores. Nela o autor se revela um *idiota* por pelo menos duas vezes, tal o grau de envolvimento dele com sua amada – mesmo em sua ausência. O nível de espontaneidade é tal que lhe permite descrever fatos do seu cotidiano que lhe levaram a pensar nela – expostos na carta. O tema da carta continua. O sentimento de amor que ele sente por ela – ou de paixão – é evidente dadas as frases por ele escritas: *queria ouvir a sua voz... queria agora sentir sua cabeça no meu ombro...* entre outras. Apesar da presença de Nora em sua mente, o texto ainda é escrito somente por uma pessoa. Dessa forma, o grau de monologicidade é nítido. É Joyce que escreve. A cooperação é meramente metafísica – não contato físico por ocasião da escritura da carta. Os elementos dêiticos apontam para o lugar, o falante e o momento de sua fala – que são claros e

16 Antepenúltimo parágrafo da terceira carta: “Você me escreverá alguma coisa?”

possíveis de ser detectados a partir de palavras como *minha querida, cheguei às dez e meia, desde então, não pude, hoje, estou*, entre outros. O desligamento da situação de comunicação se dá pela distância de ambos. O forte grau de familiaridade aponta para o nível de privacidade alto entre os dois: ele não poderia expor determinadas frases para alguém que não fosse tão especial. Ela não é qualquer uma, é sua amada, alguém que o permitiu revelar sentimentos e intimidades de maneira muito especial. A implicação emocional se mostra tão forte e clara a ponto de ele não querer assinar o seu nome no texto. De uma assinatura formal de seu nome – na primeira carta –, para o uso de uma espécie de anagrama de seu nome na segunda – *AUJEY* –, Joyce decide não assinar a terceira, como se, por causa de seu total envolvimento pessoal com outra pessoa – Nora –, está, de alguma maneira, vivenciando uma crise de identidade. Seria isso possível?

Seguem abaixo os quadros que traduzem, de maneira gráfica, os graus das condições comunicativas¹⁷ entre os interlocutores, segundo expressão das cartas.

QUADRO 1 – CARTA PRIMEIRA

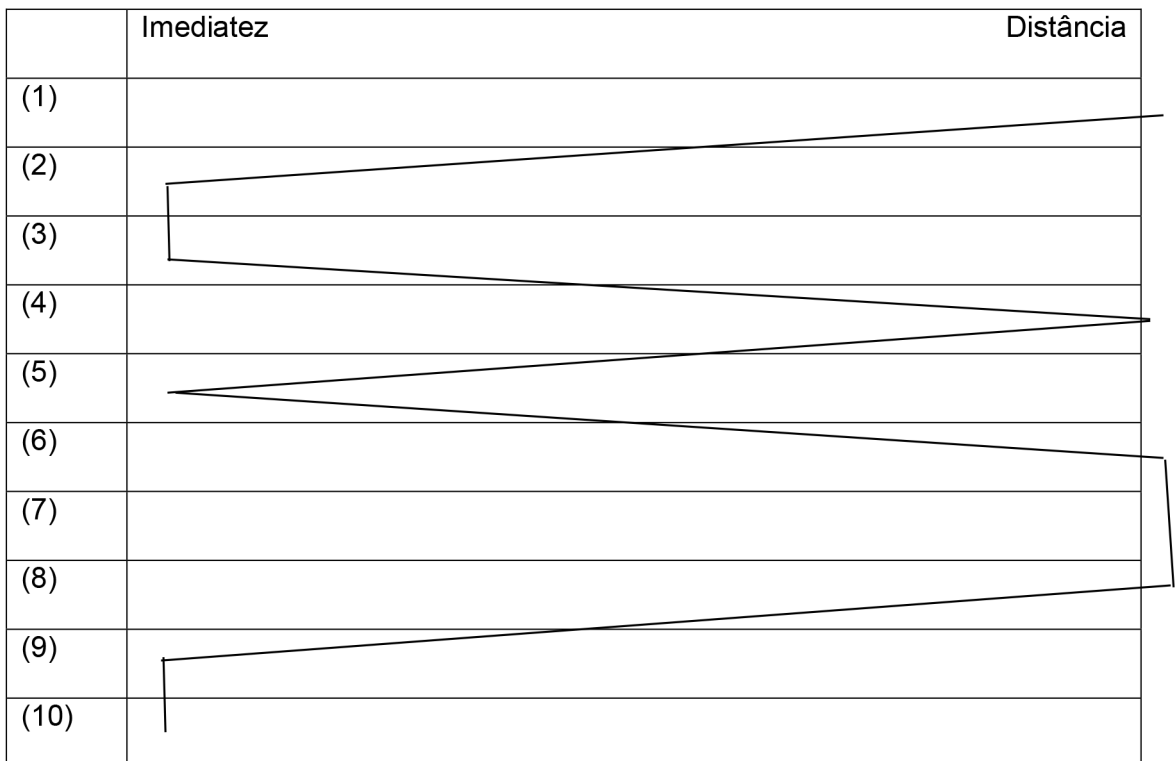


17 Os parâmetros indicados por Koch e Oesterreicher são (1) Publicidade, (2) Intimidade/familiaridade, (3) Emocionalidade, (4) Dependência do contexto, (5) Referencialidade, (6) Proximidade física, (7) Cooperação, (8) Dialogicidade, (9) Espontaneidade e (10) Fixação temática.

QUADRO 2 – CARTA SEGUNDA



QUADRO 3 – CARTA TERCEIRA



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No eixo contínuo entre o falado e escrito, podemos perceber que as cartas escolhidas para este estudo demonstram um avanço do universo da escrituralidade para o universo da oralidade.

Os cuidados na primeira carta com relação ao uso da língua de maneira formal é notório. Ao que parece o autor da carta não tem uma intimidade suficiente para se permitir escrever de maneira mais informal e menos elaborada. Entretanto pelo que podemos observar, a imediatez comunicativa ganha espaço na medida em que encontramos palavras que traduzem um sentimento de intimidade entre ambos – ou pelo menos por parte do interlocutor – James Joyce.

Segundo Koch e Oesterreicher (2007), o fato de que as manifestações linguísticas nos textos escolhidos tendam a uma clara realização material do envolvimento entre os interlocutores – James e Nora – contribui para se perceber que há uma evolução, ainda que no mesmo eixo escrito-falado, em direção a termos mais afeitos à língua falada, conforme compartilhamos em item acima.

Nunca é demais notar que os níveis universal, histórico e individual – segundo Coseriu – também se confirmam na análise que fizemos e estão, do mesmo modo, salvaguardados, com destaque para aspectos da individualidade, que se destacam por se tratar de uma enunciação particular e única de um interlocutor único em situação única e irrepetível.

É bom que se diga que, com relação à linguagem das cartas, ela é sempre original e espontânea, por vezes coloquial, independente do tema nela abordado, como pode se notar nas cartas do gênio irlandês, que escolhemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, C. G. *James Joyce and his world*. Great Britain: Thames & Hudson, 1978.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARNICEL, Amarildo. *Envelope cultural: um passeio dirigido pelo país por meio das cartas e das fotos de Mário de Andrade*. Revista Comunicarte, Campinas, v. 18, n.24, p.07-22, 2001.

ELLMANN, R. *James Joyce*. Oxford: Oxford University Press, 1983.

GILBERT, S. *James Joyce's Ulysses*. New York: Vintage Books Edition, 1955.

JOYCE, J. *Cartas a Nora*. Organização e tradução Sérgio Medeiros e Dirce Waltrick do Amarante. São Paulo: Iluminuras, 2013.

_____. *A Portrait of the artist as a young man*. Middlesex: Penguin Books Ltd., 1996.

_____. *Um Retrato do artista quando jovem*. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1971. Os Imortais da Literatura Universal, v.15.

KOCH, P. OESTERREICHER, W. *Lengua Hablada em la Romania: espanhol, francés, italiano*. Primeira Edición. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

NOLAN, Emer. *Catholic Emancipations: Irish Fiction from Thomas Moore to James Joyce*. New York: Siracuse University Press: 2007.

PRITCHARD, David. *James Joyce: The Irish Biographies*. Scotland: Geddes & Grosset, 2001.

SANTOS, Newton Paulo Teixeira dos. *A carta e as cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

Albérís Eron Flávio de Oliveira

Graduado em Letras com habilitação em Línguas portuguesa e Inglesa (1997), especialista em Literatura comparada (2008) e em Educação de Jovens e Adultos (2011). Mestre em Literatura Americana pela UFRN e doutor em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PpGel) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Email: eronflavio@hotmail.com.